

O VIGORAR DO CORPO NA OBRA *A PAIXÃO SEGUNDO G.H.*, DE CLARICE LISPECTOR

Julie Leal¹

Resumo: O corpo, na escrita de Clarice Lispector, torna-se presentificado através do seu contato e integração com o próprio espaço que o cerca, bem como com o outro, desvelando-se nas suas particularidades. Posto isso, propõe-se investigar o vigorar do corpo na obra de Lispector, mais particularmente no romance *A paixão segundo G.H.*, uma vez que, para a autora, corpo e vida são indissociáveis e se encontram em um plano que extrapola a visão meramente orgânica ou social. Destarte, corpo, em seu vigorar, no sentido de existir, compõe-se e recompõe-se, desfaz-se para em um segundo momento reconstruir-se, revelando o mundo que há dentro de cada um em contato com o outro.

Palavras-chave: Corpo; Vida; A paixão segundo G.H.; Clarice Lispector.

Introdução

O homem ama, destrói, subverte, cria, deseja, estipula regras para depois esfacelá-las, pinta, ama, filosofa, teoriza sobre o nada, Deus, alma etc., tudo sob a égide do corpo. O corpo está em tudo o que o homem faz, pensa, imagina, cria. Sem corpo não há matéria para a mente processar, apropriar-se e raciocinar. Sem corporeidade não se pode falar em sensação, estímulo, conexão. Corpo e mundo se interligam de forma indissociável. O auto-reconhecimento de si perpassa pelo corpo e sua interação não apenas com as coisas, mas também com o outro. É sobre este plano literário que dialoga também com o filosófico/existencial que está estruturado *A Paixão segundo G.H.*

Em tal obra, Clarice Lispector apresenta G.H., mulher bem sucedida cujo nome não está expresso, como um ser que, motivado por acontecimentos aparentemente banais, a saber, a demissão da empregada e a morte de uma barata, insere-se em profundos e densos questionamentos sobre quem é ou quem deveria ser de fato.

Com a demissão da empregada, G.H. vê-se, seis meses depois, forçada a limpar o quarto que fora da funcionária. O vazio no qual G.H. está inserida é apresentado desde o início da obra: ela se encontra sozinha em seu semi-luxuoso apartamento, no qual vive confortavelmente, permeada por uma existência que não é sua, mas sim dos outros, daquilo

¹ Graduada em Filosofia (UFPA), Mestra em Letras (UFPA) e Filosofia (UFPA), Doutoranda em Letras pelo PPGL (UFPA), Professora de Filosofia (IFPA – Campus Abaetetuba). E-mail: julie.leal@ifpa.edu.br

que os outros diziam como deveria ser: “Naquela manhã, antes de entrar no quarto (da empregada), o que eu era? Era o que os outros sempre me haviam visto ser, e assim eu me conhecia. Não sei dizer o que eu era” (LISPECTOR, 2009, p. 22). E a partir desse ponto bastante contundente, a indefinição em torno de si, procedemos a abordagem de *A paixão segundo G.H.* de Clarice Lispector.

1. Não ser: silêncio, mistério

Desde o início da obra, G.H. afirma não saber quem realmente é. O fato de que os outros a olhavam e a viam de uma determinada forma não significava dizer que este olhar vislumbrava G.H. na sua integralidade e na sua essência, mas apresentava uma determinada construção que visava torná-la socialmente visível e aceitável pelos demais indivíduos. Neste ponto, percebe-se que G.H. não sabe quem realmente é ou quem deveria ser. O que entrevê em si é o silêncio:

Às vezes, olhando um instantâneo tirado na praia ou numa festa, percebia com leve apreensão irônica o que aquele rosto sorridente e escurecido me revelava: um silêncio. Um silêncio e um destino que me escapavam, eu, fragmento hieroglífico de um império morto ou vivo. Ao olhar o retrato eu via o mistério (LISPECTOR, 2009, p. 23).

Silêncio e mistério de não poder falar quem se é justamente por não saber. Essa indefinição conduz à fragilidade, à inconstância e impermanência. G.H não sabe dizer quem é, mas quem ou o que não é está presente de forma sólida em seu pensamento, pois não ser pode caracterizar-se como algo relativamente fácil de se refletir se comparado com o seu oposto.

Eu era a imagem do que eu não era, e essa imagem do não-ser me cumulava toda: um dos modos mais fortes é ser negativamente. Como eu não sabia o que era, então “não ser” era a minha maior aproximação da verdade: pelo menos eu tinha o lado avesso: eu pelo menos tinha o “não”, tinha o meu oposto (LISPECTOR, 2009, p. 31).

O não conhecimento de si conduz a um não pertencimento não apenas ao mundo, mas também no que se refere a si mesmo, o que interpõe a questão do corpo, uma vez que é através deste que o indivíduo se estabelece como experiência no mundo e na interação com o outro. O corpo é o meio pelo qual o sujeito entra em contato com o externo a si, observando-se, entretanto, que o próprio corpo também faz parte desta consciência das coisas, dos objetos.

O corpo expressa a ambiguidade do ser humano, tanto como sensibilidade subjetiva que experiencia o mundo, quanto como objeto percebido nesse mundo. Por ser uma subjetividade irradiadora que constitui “o centro mesmo da nossa experiência”, o corpo não pode ser entendido adequadamente como mero objeto; no entanto, ele inevitavelmente também funciona em nossa experiência como objeto da consciência, inclusive da consciência corporificada do indivíduo (SHUSTERMAN, 2012, p.28).

E na linha interpretativa proposta por Shusterman, entre corpo e mundo, mas também na relação de nossa subjetividade com aquilo que nos é exterior, e de outro lado, de nosso corpo como instrumento de apreensão de nossa consciência que compreendemos a experiência de G.H. com tudo o que a rodeia e consigo mesma. Merleau-Ponty, por sua vez e no que se refere à questão do corpo, reafirma a ligação corpo e mundo como condição para uma efetiva existência, um estar no mundo como corpo vivente: “É a partir do corpo próprio, do corpo vivido, que posso estar no mundo em relação com os outros e com as coisas. O corpo é a nossa ancoragem no mundo [...] é nosso meio geral de possuir o mundo” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 161).

Não se pode falar em conhecimento quando se ignora a relação que se estabelece entre corpo e mundo. Pode-se dizer que somente existe mundo, como símbolo representativo de lugar, de habitação, morada, por causa do corpo. Para se estar no mundo é necessária a presença física, materializada através da corporeidade cujo contato com o mundo não cessa, dando-se em um processo contínuo que somente se encerra com a morte e o deteriorar e posterior desaparecimento do corpo.

Enquanto ser que vigora, o corpo encontra-se em contínuo estado de assimilação e aprendizado. Esta presentificação do homem perante o mundo, efetuada indispensavelmente pelo corpo, é expressa por Polack (1997, p. 35) em *O corpo como mediador da relação homem/mundo*: “O homem se faz presente no mundo pelo seu corpo, não como entidade físico-biológica, mas o corpo enquanto dimensão construtiva e expressiva do ser do homem, sendo denominado de corpo próprio, corpo vivente”.

O corpo não é somente uma representação física dotada de determinadas especificidades que tornariam o indivíduo um ser único. Ele é natureza e sociedade, é orgânico, mas também social. Este último aspecto marca profundamente a concepção que se constrói e se sustenta referente ao corpo, posto que a relação que se estabelece com este encontra-se permeada também pelas construções culturais.

Desta forma, o querer conhecer perpassa pela questão do corpo em um sentido bastante amplo, pois o puro intelecto, o puro conhecimento, não podem ser concebidos desvinculados de uma experiência que de certo modo os fundamentam ou sirvam como base. G.H quer buscar este conhecimento. Mas o que ela quer conhecer? Quer conhecer, desvendar, quem ela mesma é. Tarefa esta que se inicia, como já dito, com o seu movimentar-se inicial: a arrumação do quarto. G.H. não possui nada para fazer, está estagnada, não se movimenta. O ato de movimentação na nossa sociedade é visto positivamente: é através do movimentar-se que as coisas podem ser alteradas. Nada se altera sem a influência de uma outra força que provoque movimento, ação.

Neste ponto é entrevisto, mesmo em nível bastante sutil, que G.H era uma mulher que, pode-se afirmar, não se conhece porque nunca esteve em movimento, em busca de entendimento sobre si mesma.

Como explicar, senão que estava acontecendo o que não entendo. O que queria essa mulher que sou? o que acontecia a um G.H. no couro da valise? Nada, nada, só que meus nervos estavam agora acordados - meus nervos que haviam sido tranqüilos ou apenas arrumados? meu silêncio fora silêncio ou uma voz alta que é muda? Como te explicar: eis que de repente aquele mundo inteiro que eu era crispava-se de cansaço, eu não suportava mais carregar nos ombros - o quê? - e sucumbia a uma tensão que eu não sabia que sempre fora minha. Já estava havendo então, e eu ainda não sabia, os primeiros sinais em mim do desabamento de cavernas calcáreas subterrâneas, que ruíam sob o peso de camadas arqueológicas estratificadas - e o peso do primeiro desabamento abaixava os cantos de minha boca, me deixava de braços caídos. O que me acontecia? Nunca saberei (LISPECTOR, 2009, p. 43-44).

Toda e qualquer afirmação sobre si pode se constituir vã quando se compreende que o ser humano não é algo acabado, mas em constante processo de mudança, desestruturação/reestruturação. A busca por si, o reconhecimento de quem se é exige a compreensão da mutabilidade, da alteração constante: um acontecimento, um conselho, uma situação triste etc., podem conduzir o indivíduo a reflexões que poderão resultar em um questionamento sobre quem de fato é e qual sua posição no mundo.

O corpo participa ativamente desta busca, pois sua interação com o mundo permite a apreensão da realidade não apenas pelo intelecto, mas também pelos sentidos, os quais moldam a percepção sobre determinado aspecto de si e da realidade que circunda o indivíduo.

Em *A paixão segundo G.H.*, o corpo está ausente/presente. É neste movimentar-se, nesta saída de uma espécie de inércia de G.H que toda a história desenvolve-se: esta sai da sua

condição de letargia, de imobilidade, saindo também da sua condição de passividade, para outra diversa, de mobilidade e ação, tentando tornar-se alguém que, na simbologia do movimento, busca conhecer.

É nesta tarefa que G.H. dá início ao seu processo de reflexão, pois é neste ambiente, o quarto da empregada, que ela encontra uma barata. Inicia-se, com este encontro, uma espécie de interação entre G.H e o inseto. Este representa o novo, o desconhecido, aquilo pelo qual G.H sente, de imediato, repulsa e hostilidade.

Olhei o quarto com desconfiança. Havia a barata, então. Ou baratas. Onde? atrás das malas talvez. Uma? duas? quantas? Atrás do silêncio imóvel das malas, talvez toda uma escuridão de baratas. Uma imobilizada sobre a outra? Camadas de baratas [...]. Uma barata? muitas? mas quantas?!, perguntei-me em cólera. Vagueei o olhar pelo quarto nu. Nenhum ruído, nenhum sinal: mas quantas? Nenhum ruído e no entanto eu bem sentia uma ressonância enfática, que era a do silêncio roçando o silêncio. A hostilidade me tomara. É mais do que não gostar de baratas: eu não as quero. Além de que são a miniatura de um animal enorme. A hostilidade crescia (LISPECTOR, 2009, p. 47-48).

A barata representa o outro aos olhos de G.H, aquele outro que nauseia, que conflita, que parece estabelecer uma relação imediata de combate apenas pelo fato deste outro lhe ser incompreensível. O primeiro impulso de G.H é fugir, abandonar o quarto e a barata, mas ela resiste e reflete sobre a sua existência e como, no decorrer desta, posicionou-se somente como elemento paciente e resignado.

Fiquei imóvel, calculando desordenadamente. Estava atenta, eu estava toda atenta. Em mim um sentimento de grande espera havia crescido, e uma resignação surpreendida: é que nesta espera atenta eu reconhecia todas as minhas esperas anteriores, eu reconhecia a atenção de que também antes vivera, a atenção que nunca me abandona e que em última análise talvez seja a coisa mais colada à minha vida - quem sabe aquela atenção era a minha própria vida. Também a barata: qual é o único sentimento de uma barata? a atenção de viver, inextricável de seu corpo. Em mim, tudo o que eu superpusera ao inextricável de mim, provavelmente jamais chegara a abafar a atenção que, mais que atenção à vida, era o próprio processo de vida em mim (Idem, p. 50).

Todos os seres buscam viver, até uma barata, segundo G.H e todo o corpo daquele ser vivo irá buscar a manutenção de tal condição. Contudo, é possível falar em existência quando em posição de passividade, de receio, de resignação diante do mundo e da vida? Pode-se dizer

que um indivíduo está realmente vivo quando em constante temor da vida, em repetida fuga diante do existir?

2. Nem espírito nem matéria: corpo

Para Nietzsche, o corpo sofre uma desvalorização desde a época socrática, quando se estabeleceu a distinção entre corpo e a alma. Sobre a questão, elucida Barrenechea:

O dualismo sustenta a alteridade corporal: nele, o corpo é considerado o “outro” do homem, o que não faz parte de sua “natureza”. Os aspectos orgânicos seriam algo alheio àquilo genuinamente humano, já a alma seria o *próprio*, aquilo que define a condição do homem. Na concepção platônica, por exemplo, o corpo é algo transitório, aleatório, até mesmo pode ser considerado um empecilho, uma dificuldade, uma prisão que se há de suportar até a libertação da alma; libertação que o homem alcançaria depois da vida terrena, num além perfeito, eterno e imutável. (BARRENECHEA, 2009, p. 17).

Esta visão platônica de corpo relegou-o a um plano secundário na história da civilização, o que resultou em uma desvalorização do mesmo em contrapartida do que se conceituou de alma. Há de se observar que negar ao corpo o seu devido valor é também comprometer a relação deste com o mundo e conseqüentemente do conhecimento que o indivíduo possui de si e das coisas que o rodeiam.

Tal interpretação (ou má interpretação) do que vem a ser o corpo é perpetuada não apenas por instituições de cunho religioso, mas também pela própria filosofia, como evidencia Nietzsche:

O inconsciente disfarce de necessidades fisiológicas sob o manto da objetividade, da ideia, da pura espiritualidade, vai tão longe que assusta – e frequentemente me perguntei se até hoje a filosofia, de modo geral, não teria sido apenas uma interpretação do corpo e uma *má-interpretção* do corpo. Por trás dos supremos juízos de valor que até hoje guiaram a história do pensamento se escondem más-interpretções da constituição física, seja de indivíduos, seja de classes ou raças inteiras (NIETZSCHE, 2012, p. 11).

A má interpretação sobre o corpo conduz o pensamento humano a esferas metafísicas que, entre outras conseqüências, resulta na ruptura entre homem e mundo, pois o que será enfatizado serão os fenômenos essencialmente espirituais, já que a ideia de um além-mundo é algo sedutor e impregnado de ideologias que estabelecem contraposições entre o aqui e o lá,

ênfatisando-se que o físico, o terreno, o fisiológico é passível de falhas, de equívocos, além de ser perecível e finito. A ideia de alma apaziga no homem o seu maior temor, a saber, o da morte.

O corpo, por ser algo individual, também é depósito de inclinações, tendências, ideologias que podem realçá-lo naquilo que lhe é mais característico, como também pode ser negado, desprezado enquanto algo carnal.

Cada pessoa, como podemos constatar, pode ter uma relação diferente com o seu corpo e muitas vezes pode abordar sua corporeidade de modo ambivalente. A pessoa reconhece a si mesma como um ser sensível que deseja, ama e sente dor e prazer graças a e em seu próprio corpo. Ao mesmo tempo, cada um também pode ser propenso a considerar seu corpo como um simples fardo.[...] Ainda que o corpo seja o substrato carnal de cada pessoa e a sede das experiências individuais, nem sempre ele é aceito em sua realidade orgânica (MARZANO-PARISOLI, 2004, p.10-11).

A negação do corpo, aliada à má interpretação do mesmo reverbera no homem uma inexata e confusa visão que este pode ter de si e de sua representatividade no mundo, afastando-o minimamente de uma possibilidade remota de auto-conhecimento. Negando e ignorando seu corpo, o ser humano se posiciona e compreende confusamente a sua realidade, aquilo que se dispõe diante de si e que deveria fornecer as bases adequadas para uma reflexão tanto interna quanto externa.

G.H. efetua esse repensar de si através do seu corpo, no seu movimentar-se, na sua imersão no quarto da empregada, no “quarto desconhecido”, que equivale interpretar como um outro plano de realidade que não condiz com a sua, uma vez que o seu ambiente de vivência é outro, e, por fim, o contato com outro corpo, o da barata, o qual exige de G.H., uma postura nova, um repensar da sua condição no mundo e como vê a si mesmo. O aparecimento do corpo da barata é nota de relevância para G.H., pois emerge da escuridão do quarto o outro que tanto teme.

Foi então que a barata começou a emergir do fundo. Antes o tremor anunciante das antenas. Depois, atrás dos fios secos, o corpo relutante foi aparecendo. Até chegar quase toda à tona da abertura do armário. Era parda, era hesitante como se fosse enorme de peso. Estava agora quase toda visível. Abaixei rapidamente os olhos. Ao esconder os olhos, eu escondia da barata a astúcia que me tomara - o coração me batia quase como numa alegria. É que inesperadamente eu sentira que tinha recursos, nunca antes havia usado meus recursos - e agora toda uma potência latente enfim me latejava, e uma grandeza me tomava: a da coragem, como se o medo mesmo fosse o que me tivesse enfim investido de minha coragem (LISPECTOR, 2009, p. 51).

A barata, com seu corpo pardo, produz em G.H. uma profusão de sentimentos, dentre os quais destaca-se o medo, mais precisamente o medo do outro que forçosamente provoca a personagem, incitando-a a um processo reflexivo, a uma busca por respostas nunca antes feitas, sobre quem é G.H. O temor da barata não diz quem é G.H., mas inicia o processo de busca.

Inicia-se com este encontro entre mulher e barata, entre corpos distintos, uma espécie de embate, entre G.H e o inseto. Este, como já dito, representa o novo, o desconhecido, aquilo que G.H não conhece e nem buscou conhecer e por isso sente repulsa. É preciso passar por esta fase de enfrentamento para se atingir um outro patamar no reconhecimento de si, é preciso não somente permanecer diante do inseto, encará-lo, enfrentar aquilo que ela repassa de doloroso para G.H., mas também, e principalmente, assimilar a barata fisicamente, tornado-a uma só com G.H. E por que esta necessidade de G.H unir-se a uma barata?

Esta representa tudo aquilo que G.H odeia, repudia, náuseia. Se não ultrapassar estes sentimentos, G.H nunca saberá quem é ou ao menos jamais irá iniciar o processo de reconhecimento de si. Sem a simbiose, por assim dizer, entre G.H e a barata, aquela continuará vazia, solitária, sem nada para fazer ou ser, restando-lhe a banalidade da arrumação de um quarto e nada mais, estagnando neste primeiro passo.

G.H. coloca-se a tarefa não apenas de enfrentar a barata, superando inicialmente os seus mais íntimos temores, mas também de matá-la, de retirar a vida daquele pequeno corpo em um gesto que G.H até então desconhece. Acostumada a fugir, a abrigar-se em si diante do outro, G.H. quer praticar um ato que aos olhos alheios parece insignificante, mas para si é um gesto de superação, de aplicação de instintos quase primitivos, mas que revela, na sua realização, uma grandeza que ela mesma julgava incapaz de ter ou sentir.

O medo grande me aprofundava toda. Voltada para dentro de mim, como um cego ausculta a própria atenção, pela primeira vez eu me sentia toda incumbida por um instinto. E estremeci de extremo gozo como se enfim eu estivesse atentando à grandeza de um instinto que era ruim, total e infinitamente doce - como se enfim eu experimentasse, e em mim mesma, uma grandeza maior do que eu. Eu me embriagava pela primeira vez de um ódio tão límpido como de uma fonte, eu me embriagava com o desejo, justificado ou não, de matar (LISPECTOR, 2009, p. 51-52).

O ato de matar, de ceifar a vida de outro corpo que não o seu assinala um ato grandioso para G.H. A referida ação adquire contornos mais complexos em G.H. justamente por esta se achar incapaz de cometer tal ato, o qual ela sempre pode cometer, mas por diversos motivos ou valores não o fazia. Por isto G.H., diante de tal atitude, reconhece “desabrochar” em uma “matéria desconhecida”. Este ser desconhecido, como ela mesma afirma não é outra coisa além do seu eu. Ela, que se julgava calma e senhora de si, sente uma espécie de prazer diante do ato de aniquilamento do corpo do outro.

Com os olhos ainda fechados eu tremia de júbilo. Ter matado - era tão maior que eu, era da altura daquele quarto indelimitado. Ter matado abria a secura das areias do quarto até a umidade, enfim, enfim, como se eu tivesse cavado e cavado com dedos duros e ávidos até encontrar em mim um fio bebível de vida que era o de uma morte. Abri devagar os olhos, em doçura agora, em gratidão, timidez, num pudor de glória (LISPECTOR, 2009, p. 53).

Contudo, a barata não morreu. Tornara-se duas, dado o golpe do armário desferido por G.H. Um corpo dividido em dois que ressignificavam o corpo da barata. E diante deste novo corpo, G.H. confronta-se consigo e reavalia a si, a sua humanidade, a sua concepção ultrapassada e equivocada de quem julgava ser.

Eu, corpo neutro de barata, eu com uma vida que finalmente não me escapa pois enfim a vejo fora de mim - eu sou a barata, sou minha perna, sou meus cabelos, sou o trecho de luz mais branca no reboco da parede sou cada pedaço infernal de mim – a vida em mim é tão insistente que se me partirem, como a uma lagartixa, os pedaços continuarão estremecendo e se mexendo. Sou o silêncio gravado numa parede, e a borboleta mais antiga esvoaça e me defronta: a mesma de sempre. De nascer até morrer é o que eu me chamo de humana, e nunca propriamente morrerei (Idem, p. 64-65).

A morte do pequeno corpo situa G.H. no plano das conjecturas existenciais: a sua vida e a da barata parecem equivaler-se, pois a vida, em ambas, é transbordante. Não há corpo que suporte a própria vida no seu sentido mais amplo. Viver, desfrutar da vida, é repassar ao corpo uma intensidade inexplicável e indescritível de liberdade, conforme se lê a seguir: “[...] a barata e eu somos infernalmente livres porque a nossa matéria viva é maior do que nós, somos infernalmente livres porque minha própria vida é tão pouco cabível dentro de meu corpo que não consigo usá-la” (LISPECTOR, 2009, p. 123).

A aniquilação do outro também é uma aniquilação de si: G.H., desperta, se renova, se refaz no assassinato cometido. O corpo esmagado pela porta do armário já não é o mesmo de antes, assim como G.H. Entretanto, como gesto derradeiro de supressão de nojo pelo corpo

esmagado da barata a viscosidade que de seu ventre saía, G.H. não podia apenas tocar na barata, era preciso prová-la.

Provar a barata representa o novo de algo que até então era não apenas ignorado, mas repudiado violentamente. A barata representa a abertura para a novidade, para o desconhecido em seu sentido mais positivo. Mas a busca pelo auto reconhecimento não é tarefa para todos, faz-se necessário força de vontade, capacidade de resistência. Não é tarefa para muitos. G.H. o faz. Já não é mais um ser condicionado pelo mundo e suas regras: aos olhos da maioria, o ato de G.H. configura-se simplesmente como uma loucura.

Provando da barata, G.H. deixa de ser impotente e se insere no universo daqueles que buscam domar seu próprio destino, ou melhor, que buscam redenção. Em um trecho da obra, fala G.H.:

É que a redenção devia ser na própria coisa. E a redenção na própria coisa seria eu botar na boca a massa branca da barata. Só à idéia, fechei os olhos com a força de quem tranca os dentes, e tanto apertei os dentes que mais um pouco e eles se quebrariam dentro da boca. Minhas entranhas diziam não, minha massa rejeitava a da barata. Eu parara de suar, de novo eu toda havia secado. Procurei raciocinar com o meu nojo. Por que teria eu nojo da massa que saía da barata? não bebera eu do branco leite que é líquida massa materna? e ao beber a coisa de que era feita a minha mãe, não havia eu chamado, sem nome, de amor? Mas o raciocínio não me levava a parte alguma, senão a continuar com os dentes crispados como se fossem de carne que se arrepiava (LISPECTOR, 2009, p. 164).

G.H. compara a substância viscosa da barata com o leite materno, em uma associação de imagens bastante interessante, pois o leite materno nutre o corpo, fomenta a vida, tal como as entranhas da barata, que se tocadas e provadas, concedem ao corajoso uma nova existência, mais plena.

Neste processo todo, onde encontra-se o corpo? Na verdade, em tudo. Sua vigência materializa-se, como já foi dito, com a iniciativa de G.H. em limpar o quarto da ex-empregada. Ato este que pode ser interpretado como um primeiro esforço de movimento, uma saída da letargia que a domina. O corpo entra em movimento, o corpo agita-se tirando de si a poeira da submissão aos ditames religiosos, culturais, morais, políticos, familiares.

A barata representa o teste, a prova final. Não basta somente observar e matar a barata, é preciso passar para o outro estágio: a junção com a barata, pois ao tocá-la e prová-la, G.H. adentra em uma nova existência, indissociável da existência da barata. Esta deixou algo para

G.H: algo novo, não decifrado, que estava oculto pelo medo e pelo nojo que G.H sentia pelo pequeno inseto.

O corpo da barata precisa ser unido a um outro corpo para gerar um terceiro, livre de preconceitos, valores ultrapassados e cerceantes, o inumano. O corpo da barata já não mais representava algo puramente repugnante, mas sim uma espécie de passagem, de abertura, de fissura no mundo aparente e superficial do indivíduo alienado pelos ditames sociais, fundamentados simploriamente na dicotomia do certo ou errado, verdadeiro ou falso. Ao novo corpo, ao novo ser formado pela junção dos outros dois, há a terceira margem, a autonomia de pensar por si só, de reconhecer-se como ser no mundo, não apenas como receptáculo, mas como agente transformador.

A secreção da barata revelou-se a sua essência, provada e assimilada por G.H. realizou o “ato ínfimo”:

Oh Deus, eu me sentia batizada pelo mundo. Eu botara na boca a matéria de uma barata, e enfim realizara o ato ínfimo. Não ó ato máximo, como antes eu pensara, não o heroísmo e a santidade. Mas enfim o ato ínfimo que sempre me havia faltado. Eu sempre fora incapaz do ato ínfimo. E com o ato ínfimo, eu me havia deseroizado. Eu, que havia vivido do meio do caminho, dera enfim o primeiro passo de seu começo. ENFIM quebrara-se realmente o meu invólucro, e sem limite eu era. Por não ser, eu era. [...] Da organização geral que era maior do que eu, eu só havia então percebi fragmentos. Mas agora, eu era muito menos que humana – e só realizaria o meu destino especificamente humano se me entregasse, como estava me entregando, ao que já não era eu, ao que já é inumano (LISPECTOR, p.178/179).

Considerações finais

O corpo deveria figurar como umas das grandes questões da filosofia, tal como a moral, a estética, a metafísica. É através dele que o homem tem acesso ao mundo e este ao homem. Também é a partir do corpo que o indivíduo pode estabelecer para si uma nova visão de mundo, uma percepção diversa daquilo que compreende por real.

A forma como o ser humano assimila e apreende o mundo e as coisas que dele fazem parte é responsável em grande parte pelo modo como se pensa, raciocina, imagina. *A paixão segundo G.H.* é uma obra que apresenta tal possibilidade não como mera conjectura, mas como algo factível. G.H é a mulher inerte, passiva, cuja vida regular e cômoda segue padrões estabelecidos como normativos. Tal existência, banalizada, simplória, cotidiana, encontra sua possibilidade de alteração quando do contato com o outro, no caso de G.H., a barata.

Esta afigura-se para G.H. a essência mutável da vida diante de uma nova perspectiva de existência, não anulada e prisioneira de convenções e regras, mas liberta, conhecedora de si. Neste contexto, o corpo figura de forma central. Ele é o mecanismo principal que torna possível a mudança de um estado letárgico para algo ativo, reflexivo, que questiona a si.

O novo, o diferente, nem sempre surge através de grandes guerras ou relevantes feitos. Por vezes ele também surge na cotidianidade, na imagem de um pequeno inseto. É isto que Clarice Lispector fala ao seu modo: destruir nem sempre significa aniquilar, pode também representar mudança. Esta pode se apresentar nos casos mais banais da vida. Uma barata, dependendo do olhar, nem sempre simboliza a repulsão, ela também pode ser fenda, abertura, fissura para um mundo não idealizado, ficcional, mas palpável, concreto, como é o corpo no seu vigorar.

Referências

BARRENECHEA, M. A. de. *Nietzsche e o corpo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MARZANO-PARISOLI, M.M. *Pensar o corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Trad. C. Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

POLAK, Y. N. S. O corpo como mediador da relação homem/mundo. *Texto & contexto enferm*; 6(3):29-43, set.-dez. 1997. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=233648&indexSearch=ID>>. Acesso em: 20/09/2018.

SHUSTERMAN, R. *Consciência corporal*. São Paulo: Realizações Editora, 2012.